

VII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población e XX Encontro Nacional de Estudos Populacionais

Arranjos domiciliares multigeracionais: perfil e aportes em domicílios compostos por avós e netos.

**Glaucia Marcondes
NEPO/Unicamp**

Palavras-chave: Arranjos Domésticos, Família, Geração, Trocas Intergeracionais

Arranjos domiciliares multigeracionais: perfil e aportes em domicílios compostos por avós e netos.

Resumo:

As discussões deste trabalho se inserem no debate sobre as transformações nas famílias contemporâneas, diante da rápida e intensa mudança na dinâmica da população brasileira. Dentre as várias questões que emergem desse contexto contemporâneo, a condição dos idosos enquanto provedores do bem-estar, material e emocional, de netos e filhos adultos é um tema que desperta crescente atenção. A estabilidade financeira dos idosos brasileiros proporcionada pela ampliação do acesso às aposentadorias tem assumido um papel crucial na redefinição da posição dos idosos nas famílias. Embora represente parcela pequena dos domicílios brasileiros, a coabitação entre várias gerações da família ao longo das últimas décadas ganha novos contornos, suscitando reflexões sobre solidariedade, responsabilidades familiares e desigualdades de gênero. Foram analisados dados censitários de 1991 a 2010 acerca das características sociodemográficas das unidades doméstico-familiares que possuem avós e netos. Entre os resultados pode-se destacar que a proporção de domicílios com composição multigeracional teve leves acréscimos ao longo do período analisado, em particular aqueles compostos por avós que moravam com netos sem a presença dos pais (geração ausente). Tratam-se de domicílios que em sua maioria relativa são chefiados por avós, com baixa escolaridade, da cor preta ou parda, residentes nas regiões norte e nordeste, ainda inseridos no mercado de trabalho e nos quintis inferiores de renda domiciliar per capita.

Palavras-chave: Arranjos Domésticos, Família, Geração, Trocas Intergeracionais

Apresentação

Informações censitárias do período de 1970 a 2010 apontam que os domicílios brasileiros, particulares e permanentes, continuam sendo majoritariamente compostos por pessoas aparentadas, ou seja, por famílias. Em 1970, cerca de 68% da população brasileira vivia em um domicílio que era composto por um casal com filhos, em 2010 essa proporção caiu para 48% da população. Isso significa que atualmente menos da metade da população brasileira vive em domicílios cuja composição contenha um casal com filhos, se distribuindo em outros tipos de arranjos, como os monoparentais - compostos pelo pai ou pela mãe com seus filhos -; aqueles apenas com um casal ou ainda em domicílios unipessoais. (OLIVEIRA, VIEIRA, MARCONDES, 2015)

Por outro lado, os dados censitários também revelam que em 1970, 17% dos brasileiros residiam em domicílios em que coabitavam casal, filhos e outros parentes, passando a ser 25% em 2010. No caso do arranjo monoparental com outros parentes essa proporção foi de 2,4%

para 8,1%. Isso significa que uma proporção maior de pessoas tem vivido a experiência de conviver sob o mesmo teto com mais de duas gerações da própria família. Embora relativamente seja um número pequeno, a tendência tem sido de crescimento e reflete mudanças na dinâmica demográfica que são importantes para pensarmos sobre o presente e o futuro das famílias. (OLIVEIRA, VIEIRA, MARCONDES, 2015; WAJNMAN, 2012)

Esse trabalho se insere nas discussões sobre as famílias multigeracionais, abordando especificamente aqueles que compartilham o mesmo domicílio. O objetivo foi analisar as características de domicílios com presença de avós e netos, no período de 1991 a 2010, procurando apontar para as possíveis permanências e mudanças no perfil desses domicílios e refletir sobre as trocas intergeracionais que podem decorrer desses contextos. As informações utilizadas são provenientes dos microdados dos Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010.

As famílias em um contexto populacional de baixa fecundidade e maior longevidade

Duas intensas mudanças na dinâmica demográfica brasileira que nos auxilia a pensar nas transformações nas famílias merecem destaque. Uma delas diz respeito a nossa conquista de longevidade. A melhora progressiva das condições de saúde e de vida da população, reduzindo significativamente a mortalidade, principalmente a infantil, fez com que a expectativa de vida ao nascer dos brasileiros que não superava a média de 42 anos, em 1940, atingisse em 2014 a média de 75 anos. Nossa transição de altos para baixos níveis de fecundidade também foi impressionante e rápida, passando de uma média de 6 filhos por mulher em 1960 para 1,9 filhos, em 2010. E que continua decrescendo. (OLIVEIRA, VIEIRA, MARCONDES, 2015; CAVENAGHI, BERQUO, 2014; WAJNMAN, 2012)

O prolongamento do tempo de vida permite não apenas que tenhamos mais chances de vivenciar uma maior diversidade, e por mais tempo, de posições geracionais ao longo do curso de vida, mas igualmente pode ampliar as possibilidades de coexistência e convivência entre várias gerações de uma mesma família. O que pode significar maior interação, cooperação e exercício de influência entre mais de duas gerações. (WAJNMAN, 2012; BRITTO DA MOTTA, 2010 e 2011; MURPHY, 2010; BEGTSON, 2001; LEHR, 1999)

Tal perspectiva é acompanhada por indagações acerca das múltiplas demandas de cuidados e de suportes – financeiros, estruturais, emocionais - que envolveria a coexistência e, em alguns casos, a coabitação entre várias gerações de parentes. (WAJNMAN, 2012; MURPHY, 2010; BEGTSON, 2001; LEHR, 1999). Se até tempos muito recentes a questão

dos cuidados e suportes oferecidos pelas famílias concentrava-se nas demandas de crianças e jovens; atualmente, as demandas e suportes daqueles que estão ou estarão na extremidade oposta – os idosos – tem ganhado crescente espaço nas agendas de debates científicos e políticos.

No que se refere a coabitação entre várias gerações de uma mesma família, até recentemente, a concepção corrente era que em grande medida a formação de domicílios multigeracionais com presença de pessoas idosas seria algo propiciado por questões econômicas, de saúde e por preferências pessoais dos idosos. (OLIVEIRA, 2011; CAMARANO, et. al., 2004). As motivações seriam mais pelas necessidades dos idosos do que por escolhas ou estratégias familiares. Essa perspectiva entende o idoso como uma pessoa vulnerável e dependente, percebida enquanto um encargo para os outros membros adultos da família. (CAMARANO, et. al., 2004). Contudo, estudos mais recentes questionam e mostram que a condição da população idosa brasileira ao final do século XX e início do século XXI apresenta mudanças bem significativas. A ideia de que são unicamente fardos para suas famílias não se sustenta. (SAAD, 2004; CAMARANO, et. al., 2004)

Dados censitários, por exemplo, mostram que a proporção de idosos responsáveis por domicílios tem crescido levemente, principalmente entre os domicílios unipessoais, mesmo que relativamente esse segmento continue a ter um peso importante enquanto parente da pessoa responsável. Mas a grande mudança observada diz respeito ao aumento da participação do rendimento dos idosos nos orçamentos familiares. A estabilidade financeira que os idosos brasileiros foram adquirindo com a ampliação do acesso às aposentadorias e pensões, tem um papel crucial na redefinição da posição – e do poder - dos idosos nas famílias, diminuindo a percepção de que eles representam apenas um fardo a ser carregado pelos demais membros familiares. (SAAD, 2004; CAMARANO, et. al., 2004; COUTRIM, 2006). A melhoria na situação de vida financeira dos idosos, de alguma forma, tem compensado a deterioração da situação econômica experimentada pelos segmentos jovens e adultos – devido a situações de maior instabilidade e/ou precarização dos empregos em décadas recentes. Não sendo incomum situações em que filhos adultos permanecem ou retornam a ser economicamente dependentes de seus pais. Mesmo aqueles que não coabitam com seus pais idosos. (OLIVEIRA, 2011; COUTRIM, 2006)

Um outro aspecto desse contexto de famílias multigeracionais são as relações entre avós e netos. A percepção social sobre o envelhecer tem sido gradualmente modificada exaltando ou estimulando a emergência de idosos ativos, que desfrutam de boa saúde e que disputariam a atenção de um número cada vez menor de netos. (VICENTE, 2010; CASTILHO, 2003). Para

além disso, vários estudos ao longo das últimas décadas têm discutido sobre a crescente importância dos idosos, particularmente de avós, na provisão do bem-estar, seja material ou emocional, de netos e filhos adultos. (OLIVEIRA, KARNIKOWSKI, 2012; PAULA et al., 2011; OLIVEIRA, 2011; OLIVEIRA et al., 2009; GOODMAN, SILVERTEIN, 2002 e 2006). Esse suporte algumas vezes envolve a coabitação. Como por exemplo, situações em que pais abrigam filhas e netos, temporariamente ou não, após o rompimento de uma união conjugal. (MARCONDES, 2009; HENDERSON, HAYSLIP, SANDERS, LOUDEN, 2009). Ou ainda em situações de desemprego que acarretam grandes dificuldades de manutenção financeira do próprio domicílio. (VITALE, 2008, PEIXOTO, LUZ, 2007; COUTRIM, 2006). E há também situações em que apenas os netos são abrigados pelos avós, que passam a assumir integralmente as responsabilidades de cuidados cotidianos desses. (GOODMAN, SILVERTEIN, 2002 E 2006; GOODMAN, POTTS, PASZTOR, SCORZO, 2004) Particularmente no Brasil o peso relativo desse tipo de domicílio composto por avós e netos, sem a presença de qualquer um dos pais biológicos, tem apresentado leve crescimento nas últimas três décadas.

De maneira geral, esses estudos, em grande parte qualitativos, apontam que a relação entre avós, filhos e netos seria construída mais através dos afetos, mas que o poder de influência na vida dos netos dependeria do tipo de proximidade física (se moram perto ou coabitam) e das trocas cotidianas estabelecidas pela rede de parentesco. (OLIVEIRA, KARNIKOWSKI, 2012; PAULA et al., 2011; OLIVEIRA et al., 2009). Dessa forma, a coabitação seria um elemento importante para a intensidade e o tipo de trocas intergeracionais estabelecidas pelas famílias multigeracionais.

Fontes e métodos

O estudo é de cunho quantitativo e explorou informações sobre pessoas que integram domicílios com três ou mais gerações de parentes, coletadas pelos censos demográficos de 1991 a 2010. A partir do quesito “Relação de parentesco com o chefe/responsável pelo domicílio” foi possível identificar quais e quantos parentes do responsável residiam no domicílio e remontar a composição domiciliar com as combinações possíveis entre as classificações de parentesco ascendente, descendente e colateral disponíveis para cada ano censitário. Após exploração dessas possibilidades optou-se por centrar as análises nos domicílios que continham avós e netos coresidentes, dada a sua maior frequência entre os arranjos domésticos multigeracionais.

Características dos domicílios compostos por avós e netos

O **Tabela 1** mostra a distribuição relativa dos domicílios brasileiros segundo as gerações de parentes residentes. Faz-se necessário destacar que a classificação de geração aqui trabalhada considerou apenas os parentes em linha ascendente e descendente (bisavós, avós, pais, filhos, netos, bisnetos...) dada as maiores dificuldades de identificação do parentesco colateral (irmãos, tios, primos, sobrinhos) nas categorias de parentesco disponibilizadas por cada um dos censos utilizados, várias dessas posições foram mantidas agregadas sob a identificação de “outros parentes”.

Entre os anos de 1991 e 2010, segundo os dados censitários, a proporção de domicílios com composição multigeracional teve leves acréscimos, destacando-se a porcentagem daqueles compostos por avós que moravam com netos sem a presença dos pais (geração ausente), por exemplo.

Tabela 1- Distribuição relativa dos domicílios segundo o número de gerações. Brasil, 1991-2010.

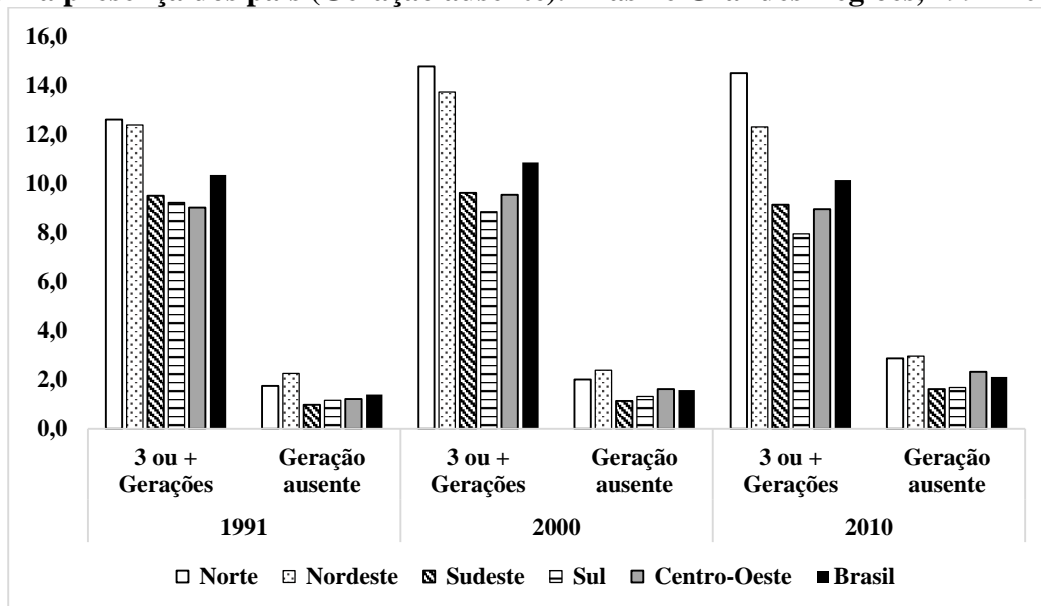
| Ano | Uma geração | Duas gerações | Três ou mais gerações | Geração ausente | Total |
|------|-------------|---------------|-----------------------|-----------------|-------|
| 1991 | 16,6 | 71,6 | 10,4 | 1,4 | 100,0 |
| 2000 | 19,8 | 67,7 | 10,9 | 1,6 | 100,0 |
| 2010 | 26,6 | 61,1 | 10,2 | 2,1 | 100,0 |

Fonte: IBGE, Censos Demográficos, 1991-2010.

Esse resultado é coerente com os achados do estudo feito por Wajnman (2012) que considerou em sua classificação outros integrantes na identificação das gerações. A autora destaca que os acréscimos nas proporções relativas dos domicílios com apenas uma geração (que incluem as unipessoais, os casais sem filhos, parentes e/ou não parentes corresidentes sem a presença de um núcleo reprodutivo) e daqueles contendo três ou mais gerações é esperado, na medida em que refletem as mudanças na dinâmica demográfica, tais como, os ganhos em sobrevivência da população, a redução drástica da fecundidade e as transformações na nupcialidade, que aliados a fatores de ordem econômica têm ajudado a moldar e evidenciar uma gama mais diversa de estratégias de coresidência entre familiares.

Observa-se a partir do **Gráfico 1**, abaixo, que as Regiões Norte e Nordeste abrigam a maior proporção de domicílios multigeracionais nos três anos destacados, contudo, o peso relativo desse tipo de arranjo só apresentou incrementos na Região Norte, se distanciando ainda mais das demais áreas geográficas.

Gráfico 1 – Proporção (%) de domicílios com 3 ou mais gerações e com avós e netos, sem a presença dos pais (Geração ausente). Brasil e Grandes Regiões, 1991-2010.



Fonte: IBGE, Censos Demográficos, 1991-2010.

No que se refere a proporção de domicílios com avós e netos sem a presença dos pais, novamente o peso relativo do Norte e Nordeste se destacam, mas com ligeira predominância dessa última Grande Região. Outra região que merece menção é a Centro Oeste em que esse tipo de arranjo praticamente dobrou no período em análise. **(Gráfico 1)**

Essa tendência em crescimento da convivência entre múltiplas gerações de uma mesma família, segundo Harper (2006) não pode ser tomada como um fato dado para todas as famílias, apesar do aumento da sua frequência. E mesmo para aqueles que a vivenciam, pode ser uma experiência pontual, em um terminado momento do curso de vida. A autora destaca que estudos apontaram que a possibilidade de se inserir em famílias multigeracionais mais complexas (acima de 4 gerações sobreviventes) varia de forma significativa entre os países ocidentais. Em um dos estudos mencionados pela autora concluiu-se que um indivíduo norte-americano teria mais chances de conviver com um filho e um de seus genitores do que um europeu. Apesar da expansão da sobrevivência, as cadeias multigeracionais nas famílias ainda seriam curtas, não mais do que 4 gerações vivas. E as chances de coabitação entre essas gerações seriam ainda menores tanto entre norte-americanos quanto europeus.

Ao considerar apenas os domicílios multigeracionais com presença de avós e netos observa-se que há uma mudança bem expressiva na participação da composição que continha avós e netos sem a presença dos pais. **(Tabela 2)**

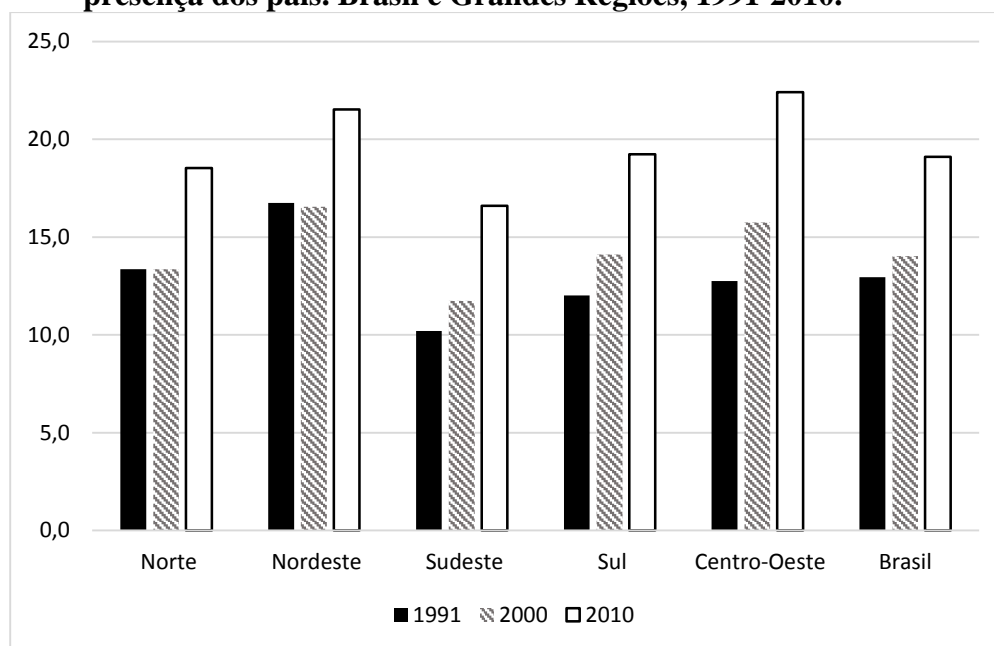
Tabela 2 – Distribuição relativa dos domicílios multigeracionais, segundo a presença de avós e netos. Brasil, 1991-2010.

| Ano | Avós, pais e netos | Avós e netos | Avós, pais, netos e outros parentes | Avós, netos e outros parentes | Total |
|-------------|--------------------|--------------|-------------------------------------|-------------------------------|-------|
| 1991 | 85,3 | 12,2 | 1,8 | 0,7 | 100,0 |
| 2000 | 84,3 | 13,7 | 1,7 | 0,3 | 100,0 |
| 2010 | 79,2 | 18,0 | 1,7 | 1,1 | 100,0 |

Fonte: IBGE, Censos Demográficos 1991-2010.

Ao avaliar a proporção de domicílios apenas com avós e netos sem a presença dos pais (com e sem outros parentes) vê-se de forma mais clara o aumento relativo expressivo ocorrido entre 2000 e 2010 em todas as Grandes Regiões, mas de forma mais expressiva na Região Centro Oeste. A proporção observada para essa região em 2010 ultrapassa a do Nordeste até então exibia os maiores percentuais desse tipo de arranjo. **(Gráfico 2)**

Gráfico 2 – Proporção dos domicílios multigeracionais com avós e netos sem a presença dos pais. Brasil e Grandes Regiões, 1991-2010.



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 1991-2010.

Em revisão da literatura sobre o tema de avós que criam seus netos, Mainetti e Wanderbroocke (2013) destacam a recorrência de estudos voltados para avaliar as condições de bem-estar e saúde dos avós que se encontram nessa situação. Grande parte desses estudos, segundo as autoras, destacam que a experiência tem impactos negativos sobre a saúde dos avós,

seja pelas pressões financeiras ou pela própria rotina de cuidados demandados. Contudo, também é inegável a percepção de satisfação, principalmente, das avós no desempenho desse papel. No próprio estudo qualitativo realizado pelas autoras, foram observados relatos em que se mesclam sentimentos de satisfação e de desgaste com as responsabilidades que deveriam ter sido assumidas pelos pais e não por elas. Mainetti e Wanderbroocke (2013) ainda discorrem que o assumir integralmente a criação dos netos ocorre dentro de um processo gradativo em que essas avós já tinham algum tipo de responsabilidade e que com o passar do tempo as leva a assumir completamente o papel de cuidadora.

Aspectos negativos para a saúde das avós que cuidam dos netos também são apontados pelo estudo realizado por Goodman e Silvertein (2006), contudo, a intensidade do estresse e da insatisfação com a condição de cuidadora dos netos varia conforme o segmento étnico-racial das avós. As afroamericanas e as latinas tenderiam a ser as mais satisfeitas com a sua condição de cuidadora dos netos do que as norte-americanas brancas. As autoras acreditam que em certa medida essa diferença se explique por questões culturais, no qual as brancas tenderiam a valorizar e ter maiores expectativas de que seus filhos fossem capazes de assumir com maior independência e gerenciamento individual a própria família de procriação. Entre as latinas e as afroamericanas contar com o suporte das redes de parentesco não seria algo inesperado ou condenável. As trocas intergeracionais dentro da rede familiar mais ampla seria parte constituinte das dinâmicas dessas famílias.

Um dos pontos concordantes nas discussões desses estudos é a percepção negativa sobre os pais/ as mães ausentes, que invariavelmente estariam ausentes por problemas com drogas, por não terem um emprego, por serem muito jovens e não conseguirem assumir as responsabilidades parentais. (MAINETTI, WANDERBROOCKE, 2013; GOODMAN, SILVERTEIN, 2002 e 2006). Em um estudo sobre circulação de crianças no Brasil, utilizando dados das PNADs, Serra (2003) também aponta para algumas dessas situações entre as motivações para o fato da criança estar morando em um domicílio sem a presença da mãe biológica.

Observa-se na **Tabela 3**, abaixo, que majoritariamente nos domicílios multigeracionais com a presença de avós e netos a pessoa responsável é a própria avó ou o avô, sendo que menos de 1% desses arranjos tem por responsável o/a neto/a. O que torna plausível supor que nessas composições os netos devem ser ainda muito jovens.

Tabela 3 – Distribuição relativa da população residente em arranjos domiciliares multigeracionais com presença de avós e netos, segundo a pessoa responsável pelo domicílio. Brasil, 1991-2010.

| Ano | Avós responsáveis pelo domicílio | Netos responsáveis pelo domicílio | Outro parente responsável pelo domicílio | Total |
|------|----------------------------------|-----------------------------------|--|-------|
| 1991 | 70,5 | 0,5 | 29,1 | 100,0 |
| 2000 | 79,4 | 0,0 | 20,6 | 100,0 |
| 2010 | 78,4 | 1,1 | 20,5 | 100,0 |

Fonte: IBGE, Censos Demográficos, 1991-2010.

De fato, como mostra a **Quadro 1**, a seguir, os domicílios em que os avós são os responsáveis, a idade média dos netos residentes ficou abaixo dos 10 anos de idade nos três anos destacados. Em média, são mais jovens do que os netos que residem em domicílios que não são de responsabilidade dos avós. Importante destacar que são nesses arranjos de responsabilidade dos avós que se concentram aqueles em que a geração dos pais está ausente. Ou seja, em grande medida são idosos cuidando de crianças que ainda estão na fase da infância.

Como esperado, nos raros arranjos de responsabilidade dos netos é que se encontram os avós com idades médias bem mais elevadas, acima dos 70 anos de idade. (**Quadro 1**)

No que diz respeito aos domicílios cuja responsabilidade é de outro parente que não avô/avó ou neto/a, assim como acontece com os netos residentes, a idade média dos avós foram mais elevadas se comparadas aos domicílios de responsabilidade dos avós. Majoritariamente a pessoa responsável desses domicílios é o pai/a mãe dos netos. (**Quadro 1**)

Quadro 1 – Idades médias da pessoa responsável, dos avós e dos netos residentes nos domicílios multigeracionais presença de avós e netos, segundo a pessoa responsável pelo domicílio. Brasil e Grandes Regiões, 1991-2010.

| | Ano | Brasil | Norte | Nordeste | Sudeste | Sul | Centro-Oeste |
|---|------|--------|-------|----------|---------|------|--------------|
| Avós responsáveis pelo domicílio | | | | | | | |
| Responsável | 1991 | 60,0 | 58,5 | 61,4 | 59,5 | 59,1 | 57,9 |
| | 2000 | 59,5 | 57,9 | 61,0 | 59,1 | 58,9 | 57,5 |
| | 2010 | 60,1 | 58,0 | 61,0 | 60,3 | 59,8 | 58,6 |
| Netos | 1991 | 6,0 | 4,9 | 6,0 | 6,3 | 6,1 | 5,7 |
| | 2000 | 6,7 | 5,4 | 6,7 | 7,0 | 6,9 | 6,4 |
| | 2010 | 9,6 | 8,3 | 9,7 | 9,9 | 9,6 | 9,4 |
| Netos responsáveis pelo domicílio | | | | | | | |
| Responsável | 1991 | 26,7 | 25,9 | 25,7 | 27,4 | 26,7 | 25,4 |
| | 2000 | | | | | | |
| | 2010 | 24,5 | 22,0 | 24,6 | 24,6 | 24,9 | 24,8 |
| Avós | 1991 | 77,7 | 75,5 | 77,7 | 78,0 | 78,2 | 76,0 |
| | 2000 | | | | | | |
| | 2010 | 74,9 | 72,2 | 76,6 | 74,7 | 75,1 | 71,8 |
| Outro parente responsável pelo domicílio | | | | | | | |
| Responsável | 1991 | 40,3 | 38,6 | 40,2 | 40,8 | 39,9 | 38,9 |
| | 2000 | 41,8 | 39,3 | 41,7 | 42,5 | 41,6 | 39,9 |
| | 2010 | 40,7 | 37,5 | 40,2 | 41,5 | 41,2 | 38,7 |
| Avós | 1991 | 69,6 | 68,8 | 70,8 | 69,2 | 69,9 | 67,8 |
| | 2000 | 70,3 | 68,9 | 71,7 | 70,0 | 70,5 | 67,9 |
| | 2010 | 69,0 | 66,7 | 70,4 | 68,8 | 69,9 | 66,2 |
| Netos | 1991 | 8,8 | 7,2 | 7,9 | 9,6 | 8,7 | 8,3 |
| | 2000 | 10,7 | 8,5 | 9,8 | 11,7 | 10,4 | 10,0 |
| | 2010 | 13,8 | 11,8 | 13,6 | 14,5 | 13,6 | 12,6 |

Fonte: IBGE, Censos Demográficos, 1991-2010.

Quando se observam outras características da pessoa responsável pelos arranjos multigeracionais nota-se que, majoritariamente, esses arranjos são chefiados por homens. Mas com proporções que se alteram expressivamente com o passar das décadas. Em 2010, as proporções se aproximam, havendo uma inversão nos arranjos cuja a responsabilidade é de avós em que a maioria passa a ter chefia feminina. **(Quadro 2)**

No que diz respeito à cor, nos domicílios chefiados por avós a pessoa responsável em maioria é preta ou parda nos três períodos destacados. Em 2010, os arranjos chefiados por netos e aqueles de responsabilidade de outro parente que não avó ou neto apresentou proporções semelhantes entre brancos e negros (pretos e pardos agrupados). **(Quadro 2).**

Quadro 2 – Distribuição relativa dos responsáveis por domicílios multigeracionais com presença de avós e netos segundo características selecionadas. Brasil, 1991-2010.

| Características do Responsável | 1991 | | | 2000 | | | 2010 | | |
|---|-------|-------|--------|-------|-------|--------|-------|-------|--------|
| | Avós | Netos | Outros | Avós | Netos | Outros | Avós | Netos | Outros |
| Faixa etária | | | | | | | | | |
| <35 | 0,8 | 86,7 | 32,1 | 1,0 | | 26,9 | 0,8 | 88,0 | 32,9 |
| 35-59 | 48,0 | 13,3 | 63,2 | 49,4 | | 66,9 | 48,7 | 10,9 | 61,2 |
| 60+ | 51,2 | 0,0 | 4,7 | 49,5 | | 6,2 | 50,4 | 1,1 | 5,9 |
| | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| Sexo | | | | | | | | | |
| Feminino | 31,1 | 23,1 | 16,5 | 37,9 | | 25,0 | 52,0 | 44,9 | 45,6 |
| Masculino | 68,9 | 76,9 | 83,5 | 62,1 | | 75,0 | 48,0 | 55,1 | 54,4 |
| | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| Cor | | | | | | | | | |
| Branca | 43,8 | 56,8 | 56,7 | 45,5 | | 59,2 | 39,6 | 48,3 | 50,8 |
| Negra | 55,7 | 41,2 | 42,0 | 53,5 | | 39,3 | 58,8 | 49,1 | 47,1 |
| Outras | 0,5 | 1,9 | 1,4 | 1,0 | | 1,5 | 1,6 | 2,6 | 2,1 |
| | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| Escolaridade | | | | | | | | | |
| Sem Instrução a | | | | | | | | | |
| Fundamental incompleto | 94,2 | 44,2 | 70,1 | 71,9 | | 47,6 | 76,6 | 28,5 | 40,1 |
| Fundamental completo a Médio Incompleto | 1,6 | 17,8 | 8,8 | 22,3 | | 26,4 | 10,1 | 21,3 | 18,3 |
| Médio Completo a Superior Incompleto | 3,0 | 28,9 | 13,9 | 3,8 | | 17,5 | 9,9 | 37,9 | 29,7 |
| Superior Completo | 1,3 | 9,1 | 7,1 | 1,9 | | 8,4 | 3,4 | 12,3 | 12,0 |
| | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| Condição de trabalho | | | | | | | | | |
| Trabalha | 51,4 | 88,7 | 88,2 | 53,8 | | 21,5 | 54,3 | 44,9 | 26,5 |
| Não trabalha | 48,6 | 11,3 | 11,8 | 46,2 | | 78,5 | 45,7 | 55,1 | 73,5 |
| | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| Quintil de Renda Domiciliar per capita | | | | | | | | | |
| 1o. quintil | 20,9 | 4,1 | 11,9 | 18,6 | | 10,4 | 16,2 | 7,0 | 9,7 |
| 2o. quintil | 25,3 | 13,6 | 18,5 | 27,4 | | 18,4 | 24,6 | 15,3 | 17,3 |
| 3o. quintil | 23,3 | 23,7 | 22,2 | 23,8 | | 22,0 | 26,1 | 20,3 | 24,6 |
| 4o. quintil | 18,7 | 26,8 | 23,3 | 18,3 | | 24,0 | 19,0 | 27,4 | 22,8 |
| 5o. quintil | 11,7 | 31,7 | 24,1 | 11,8 | | 25,2 | 14,1 | 30,0 | 25,6 |
| | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| Participação da Renda Individual na Renda Domiciliar | | | | | | | | | |
| 0 até 5% | 6,0 | 8,0 | 4,3 | 9,0 | | 10,5 | 10,8 | 40,2 | 15,4 |
| 5% até 25% | 18,7 | 6,3 | 7,8 | 13,4 | | 10,0 | 13,8 | 16,8 | 17,3 |
| 25% até 50% | 30,8 | 28,3 | 27,7 | 32,7 | | 32,5 | 35,9 | 25,7 | 37,7 |
| 50% até 75% | 16,9 | 29,9 | 30,8 | 18,6 | | 28,0 | 16,8 | 11,9 | 19,8 |
| Acima de 75% | 27,6 | 27,6 | 29,4 | 26,4 | | 18,9 | 22,8 | 5,4 | 9,9 |
| | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |

A diferença na escolaridade dos responsáveis também é marcante. Enquanto nos domicílios chefiados por avós a esmagadora maioria não possui o fundamental completo, pouco mais de 2/5 dos responsáveis netos ou outros parentes possuíam o ensino médio ou superior completo em 2010 (**Quadro 2**). Esse resultado não surpreende dada a própria composição etária desses grupos. Os arranjos chefiados pelos avós concentram os responsáveis

com idades mais avançadas, que abarcam gerações com médias de anos de estudo muito baixas no Brasil. Ao longo das décadas a distribuição etária da população por escolaridade tem se modificado em decorrência de mudanças na estrutura e no sistema de ensino que ampliaram o acesso e a permanência das gerações mais jovens e adultas na escola, elevando gradativamente a escolaridade da população.

Quanto à condição de ocupação, nota-se que os avós que são responsáveis por seus domicílios em maioria ainda estavam ocupados no mercado de trabalho e a renda auferida por eles representa de 1/3 a metade da renda mensal domiciliar. Esse tipo de arranjo está mais concentrado nos 2º e 3º quintis de renda domiciliar per capita. **(Quadro 2)**

Apesar dos domicílios chefiados por netos ou por outros parentes que não avós e netos estarem em proporções maiores nos quintis mais elevados de renda e a renda auferida pela pessoa responsável representar de metade a 2/3 da renda mensal domiciliar, há uma inversão na condição de ocupação em 2010, em que a maioria das pessoas responsáveis por esses domicílios não estava ocupada à época do censo. Esse dado chama atenção e tem nos levado a aprofundar na exploração das fontes de renda além do trabalho que são acessadas pelos responsáveis desses domicílios. **(Quadro 2)**

Considerações Finais

Para finalizar, observamos por esse breve conjunto de dados apresentados e pelas discussões levantadas que a coexistência entre várias gerações de uma mesma família pode fazer parte das experiências de uma proporção cada vez maior de pessoas. Nem sempre essa coexistência implicará em coresidência, o que não exclui as possibilidades de estabelecimento de trocas, principalmente quando os laços envolvem parentes descendentes e ascendentes. Os fluxos de apoio que ocorrem entre diferentes gerações, que podem ser de diversos tipos (financeiro, emocional, de cuidados), nem sempre são trocas mensuráveis e sempre pode haver alternância dos indivíduos no papel de provedores e receptores de apoio. O que motivaria e manteria as trocas intergeracionais entre membros de uma família seria um conjunto de fatores que incluiriam desde laços de afeto e sentimentos de reciprocidade, até incentivos econômicos ou sanções negativas pautadas pelos deveres que se considera que cada membro geracional teria em relação a outro. Nesse sentido, não apenas saber quantos são, de que composição são, mas também entender como se dão e os significados atribuídos às relações entre gerações pode nos levar a avanços mais significativos para o entendimento das trocas intergeracionais, tanto daquelas que ocorrem dentro quanto fora dos domicílios, no presente e para o futuro.

Referências Bibliográficas

- ALVES, J. E. D.; CAVENAGHI, S. M.; BARROS, L. F. W. **A Família DINC no Brasil: algumas características socioeconômicas.** Rio de Janeiro: IBGE. Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2010. 34 p. (Textos para discussão, n. 30).
- BENGTSON, V. L. Beyond the nuclear family: The increasing importance of multigenerational bonds. **Journal of Marriage and Family**, 63(1), 1–16. 2001.
- BRITTO DA MOTTA, A. A família multigeracional e seus personagens. **Educação e Sociedade**, v. 31, n. 111, p. 435-458, abr.-jun. 2010.
- BRITTO DA MOTTA, A. A geração pivô, intermediária na família. Alda Britto da Motta. XV ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE E NORDESTE. 2012 . 24p.
- BRITTO DA MOTTA, A. Envelhecimento e relações entre gerações. In: LONGHI, M.; ALMEIDA, M.C.L. **Etapas da vida: jovens e idosos na contemporaneidade.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011. pp. 81-104.
- CAMARANO, A. A.; KANSO, S.; MELLO, J. L., PASINATO, M. T.. Famílias: espaço de compartilhamento de recursos e vulnerabilidades. In: CAMARANO, A. A. (Org.). **Os novos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004
- CAMARANO, A.A. Família: espaço de compartilhamento de recursos e vulnerabilidades. In: CAMARANO, Ana Amélia.(org.) **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro, IPEA, 2004b.
- CAMARANO, A.A.; KANSO, S.; LEITÃO E MELLO, J. “Como Vive o Idoso Brasileiro?” In Camarano, Ana Amélia. (org.) **Os Novos Idosos Brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004a.
- CASTILHO, T. Família e Relacionamento de Gerações. In: CONGRESSO INTERNACIONAL CO-EDUCAÇÃO DE GERAÇÕES SESC, 1., 2003, São Paulo. Anais...São Paulo: SESC, 2003.
- CAVENAGHI, S.; BERQUÓ, E.. Perfil socioeconômico e demográfico da fecundidade no Brasil de 2000 a 2010. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LATINO AMERICANA DE POPULAÇÃO, 6, Lima, Peru, 2014. Anais... Rio de Janeiro, RJ: ALAP, 2014.
- COUtrim, R.M.E. Idosos trabalhadores: perdas e ganhos nas relações intergeracionais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 21, n. 2, p. 367-390, maio/ago. 2006.
- FULLER-THOMPSON, E.; MINKLER, M. Central american grandparents raising grandchildren. **Hispanic Journal of Behavioral Sciences**, 29; 5-18, 2007.
- GOODMAN, C.; POTTS, M.; PASZTOR, E.; SCORZO, D. Grandmothers as kinship caregivers: private arrangements compared to public child welfare oversight. **Children and Youth Services Review**, 26, 287-305; 2004.
- GOODMAN, C.; SILVERTEIN, M. Grandmothers raising grandchildren: ethnic and racial differences in well-being among custodial and coparenting families. **Journal of Family Issues**, 27, 1605-1626; 2006.
- GOODMAN, C.; SILVERTEIN, M. Grandmothers raising grandchildren: family structure and well-being in culturally diverse families. **The Gerontologist**, 42, 676-689. 2002.
- HARPER, S. Papéis dos avós nas famílias multigeracionais dos nossos dias. **Povos e culturas.** Os avós como educadores. Lisboa: CEPCEP, Universidade Católica Portuguesa, 25-38, 2006.

- HENDRSON, C.E.; HAYSLIP Jr., B; SANDERS, L.M.; LOUDEN, L. Grandmother-grandchild relationship quality predicts psychological adjustment among youth from divorced families. **Journal of Family Issues**, 30(9), 1245-1264. 2009.
- JESUS, J. C.. **Gerações Sanduíche no Brasil**. Dissertação de mestrado em Demografia. Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. 2015.
- LEHR, U. A Revolução da Longevidade: sociedade, na família e no indivíduo. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 1, p. 7-36, 1999.
- MAINETTI, A. C. & WANDERBROOKE, A. C. N. S. Avós que assumem criação dos netos. **Pensando Famílias**, 17(1), 87-98; 2013.
- MARCONDES, G.S.. Continuidades e rupturas: relações entre avós, pais e netos em contextos de separação e recasamentos. XIV CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA: SOCIOLOGIA: CONSENSOS E CONTROVÉRSIAS. Rio de Janeiro, RJ, 2009.
- MITCHELL, W. Research Review: the role of grandparents in intergenerational support for families with disabled children: a review of the literature. **Child and Family Social Work**, 12, 94-101. 2007.
- MURPHY, M. J. Family and kinship networks in the context of ageing societies. **Ageing in Advanced Industrial States** (Vol. 8, pp. 263-285). Springer. 2010.
- OLIVEIRA, A.R.V.; GOMES, L.; TAVARES, A.B.; CÁRDENAS, C.J.. Relação entre avós e seus netos no período da infância. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, 12 (2), 149-58. 2009.
- OLIVEIRA, A.R.V.; KARNIKOWSKI, M.G.O.. Apoio financeiro oferecido por avós a netos adolescentes. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, 15(2), 145-158. 2012.
- OLIVEIRA, M. C. F. A. ; VIEIRA, J. M.; MARCONDES, G. S.. Cinquenta anos de relações de gênero e geração no Brasil: mudanças e permanências. In: ARRETCHE, Marta (org), **Trajetórias das Desigualdades: como o Brasil mudou nos últimos 50 anos**. São Paulo: Editora UNESP. 2015. p. 309-334.
- OLIVEIRA, M.C.F.A.; MARCONDES, G.S. Novas e velhas tensões na articulação entre trabalho e família nas regiões metropolitanas. In: XIV Encontro Nacional da ABET, Campinas, SP, 2015.
- OLIVEIRA, M.R.. **As relações intergeracionais e a participação dos avós na família dos filhos**. Tese de Doutorado em Psicologia. Universidade de Brasília. 2011.
- PAULA, F.V.; SILVA, M.J., BESSA. M.E.P.; MORAIS, G.L.A., MARQUES, M.B. Avós e netos no século XXI: autoridade, afeto e medo. **Revista Rene**, Fortaleza, 12(n. esp.):913-21. 2011.
- PEIXOTO, C. E.; LUZ, G. M.. De uma morada à outra: processos de re-coabitação entre as gerações. **Cadernos PAGU** (29), jul.-dez. 2007 : 171-191. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n29/a08n29.pdf>>. Acesso em: 08.07.2013.
- SAAD, P. M. Transferência de Apoios Intergeracionais no Brasil e na América Latina. In: CAMARANO, Ana Amélia (Org.). **Os novos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004.
- SERRA, M.M.P. Algumas considerações sobre a circulação de crianças no Brasil e sua distribuição por regiões. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, Campinas, v. 20, n. 2, p. 229-239, jul./dez. 2003.

VICENTE, H.M.T. **Família multigeracional e relações intergeracionais:** perspectiva sistêmica. Tese de Doutorado em Ciências da Saúde. Universidade de Aveiro. Portugal. 2010. 130p.

VITALE, M. A. F. Avós: velhas e novas figuras da família contemporânea. In: ACOSTA, Ana R.; VITALE, Maria A. F. **Família. Redes, laços e políticas públicas.** São Paulo, Ed. Cortez. 2008. p. 93-105.

WAJNMAN, S. **Demografia das famílias e dos domicílios brasileiros.** 2012. Tese Professor Titular. FACE/UFMG. 2012.